

**PRENÚNCIOS DO SÉCULO XXI: A INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
EM COMUNICAÇÃO SOCIAL <sup>1</sup>**

**Adolpho Queiroz <sup>2</sup>**

*Universidade Metodista de São Paulo*

**XXI CENTURY PREDICTIONS: SCIENTIFIC INITIATION IN SOCIAL COMMUNICATION**

Vários fatores têm contribuído para que as experiências de iniciação científica prosperem no Brasil. Em primeiro lugar é preciso destacar especialmente a presença do poder público, através do Governo Federal, via Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, que criou em 1995 o seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, o PIBIC. Em segundo, é preciso observar com atenção que os reflexos da implantação da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB, para o desenvolvimento educacional no país, ensejaram a inúmeras instituições públicas e privadas, a criação de fundos particulares de apoio à pesquisa. Venho de duas instituições confessionais, as Universidades Metodistas de Piracicaba e de São Paulo, que têm cultivado larga tradição no fomento à pesquisa, mesmo antes da criação do PIBIC, com seus programas particulares de fomento à pesquisa, destinando parcelas de 1% das suas receitas de ensino para o desenvolvimento da iniciação científica entre nós.

Em terceiro lugar, é importante resgatar a contribuição de instituições científicas no fomento e difusão de pesquisas de iniciação científica, como é o caso da INTERCOM, através das suas jornadas de iniciação científica em comunicação, cujos resultados devo relatar mais adiante. E, por fim, o papel relevante desempenhado pela iniciativa privada, fornecendo prêmios e a infra-estrutura necessária para a difusão destas práticas, como é o caso do Grupo Pão de Açúcar que, na atualidade vem subsidiando a INTERCOM com suas atividades de iniciação científica.

Nesse sentido, quero recuperar um pouco estas quatro contribuições (que considero decisivas!) para lhes mostrar, na condição de um observador que tem um olhar privilegiado e uma participação atuante neste setor. Vale dizer que estas iniciativas todas começaram a ficar mais visíveis nos anos 90.

**O Pioneirismo Do Pibic**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC foi instituído em 1995, numa parceria entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e a comunidade científica

do nosso país, tendo investido neste período cerca de R\$ 160.000.000,00 (cento e sessenta milhões de reais), o que representa cerca de 14.000 bolsas e mais o envolvimento de 10.607 orientadores destas pesquisas nos seus cinco anos de sua existência.

Além de fomentar de forma indiscutível a iniciação científica, o PIBIC fez com que as próprias instituições universitárias que o abrigavam, passassem a oferecer, como contrapartida ao programa, bolsas proporcionais às conquistadas institucionalmente.

Entre os objetivos básicos do PIBIC estão o de propiciar à instituição um instrumento de formulação de política de pesquisa para a iniciação científica na graduação; além de estimular uma maior articulação entre a graduação e a pós-graduação; a formação de equipes para os professores/orientadores e, especialmente, introduzir o aluno de graduação no mundo da pesquisa científica.

Esses objetivos indicavam, como contrapartida, que a instituição que quisesse sediar o programa tivesse seu próprio programa de iniciação científica, além de possuir, evidentemente, em seus quadros docentes, professores preferencialmente cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, com título de doutor ou experiência compatível. E, mais do que isso, oferecer condições e infra-estrutura para a atuação, implantação, gerenciamento, acompanhamento e avaliação do programa. Com isso, o programa conseguiu gerar outras 6.790 bolsas pagas pelas instituições que sediaram o PIBIC.

Segundo dados disponíveis no Boletim Informativo do PIBIC, através do site <http://www.cnpq.br/pibic>, dos 10.607 orientadores atuais do programa, 8.601 são doutores e 2.006 são mestres. Na região sul, onde está localizada a CESUMAR, estão alocadas atualmente 2570 bolsas de iniciação científica.

É também nos documentos oficiais disponíveis virtualmente que está a principal justificativa do CNPq para um programa desta natureza, que vale a pena realçar:

*a partir de estudos realizados, foi constatado que após o término da graduação, o estudante*

<sup>1</sup> Conferência apresentada no Primeiro Encontro da Produção Científica do Cesumar-1º EPCC promovido pelas Faimar/Cesumar, Maringá/PR, em 22 de outubro de 1999.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Umesp; Mestre em comunicação pela Unb; publicitário formado pela Unimep. É professor do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo; professor do Curso de Comunicação da Unimep/SP e Coordenador do Curso de Publicidade da Uniclar, União das Faculdades Claretianas de Rio Claro/SP.

*brasileiro leva em média, 4,5 anos para ingressar no mestrado, com idade média de 30 anos e gasta cerca de 3,5 anos para concluí-lo. Em decorrência, pode-se afirmar que a idade média para o ingresso no doutorado no Brasil é de 35 anos, idade considerada muito elevada se comparada com o padrão norte-americano, que é de apenas 30 anos para se obter o título de doutor. No sentido de contribuir para que este tempo de titulação de mestres e doutores seja reduzido, o CNPq vem investindo de forma maciça, desde a década de 50, em iniciação científica, despertando no jovem universitário, uma nova mentalidade em relação à pesquisa, propiciando-lhe aprendizagem de técnicas e métodos científicos. De acordo com os dados pesquisados, as chances de ingresso no mestrado de ex-bolsistas do PIBIC que concluíram a graduação, entre 1990 a 1995, variam de 40 a 60 %, propiciando ao estudante que passa por esta experiência, ingressar no mestrado após 2,5 anos de ter concluído a graduação. Além disso, os bolsistas de iniciação científica que permanecem com bolsa no mestrado e doutorado, obtêm o título de doutor com a idade de 33 anos. Os estudantes que usufruíram bolsas de estudo durante a trajetória acadêmica alcançam o título de doutor com 47 anos de idade. (Boletim Informativo do PIBIC, ano III, número 10 de dezembro/98)*

Como fomentador deste processo, o CNPq tem um entendimento do caráter formativo deste programa, entendendo que a iniciação científica é um dever da instituição e não uma atividade eventual ou esporádica. É isso que permite (conforme os preceitos dos documentos fundadores do programa) tratar o programa diferentemente da concessão da bolsa. A iniciação deve ser encarada como um instrumento básico de formação ao passo que a bolsa é entendida como um incentivo individual que se operacionaliza como estratégia exemplar de financiamento seletivo aos melhores alunos, vinculados a projetos desenvolvidos pelos pesquisadores no contexto da graduação ou da pós-graduação.

O programa, por fim, impõe-se em três níveis: em relação às instituições que o aplicam; em relação aos professores orientadores e, por fim, em relação aos bolsistas.

Das instituições que o abrigam, o programa espera incentivá-las na formulação de uma política de pesquisa para a iniciação científica na graduação. Para os professores orientadores a expectativa principal é de que estimulem pesquisadores produtivos a engajarem estudantes de graduação no processo acadêmico, otimizando a capacidade de orientação à pesquisa da instituição e, por fim, dos bolsistas, proporcionar-lhes um despertar de consciência sobre a atividade de pesquisa que os conduza à aprendizagem de técnicas e métodos científicos, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas da pesquisa.

#### **Os Reflexos Nas Instituições Universitárias**

Com a adoção do PIBIC, várias universidades brasileiras passaram a construir políticas de pesquisa,

privilegiando suas características e identidades regionais, estimulando debates sobre a ética, sobre aperfeiçoamento metodológico e abrindo-se para as particularidades e demandas locais.

As experiências das instituições metodistas (a UNIMEP e a UMESP) guardam um pouco este sentido. Na UNIMEP, fruto de um projeto coletivo, a prática de pesquisa ganhou contornos qualitativos importantes. Debates, seminários, simpósios, avaliações periódicas e rigor operacional, fizeram com que a instituição operasse de forma criteriosa na aplicação de 1% de sua receita bruta do ensino, alocando-a em projetos de iniciação científica em princípio denominada Fundo de Apoio à Pesquisa-FAP, e posteriormente, Fundo de apoio à Pesquisa de Iniciação Científica. Programas - FAPIC que passaram a contar com apoio docente e apoio institucional na realização de seminários semestrais de avaliação e congressos anuais onde os resultados das pesquisas eram apresentadas. Nos últimos sete anos, a UNIMEP promoveu seus congressos, abriu-se para a comunidade científica nacional, estimulou seus estudantes a participarem de congressos e seminários extra campus, estreitou relações com sociedades científicas e abriu espaços para a publicação dos seus principais trabalhos em revistas especializadas, produzidas na própria casa.

Vale a pena retomar as ponderações da professora doutora Geraldina Porto Witter, da PUC-Campinas, contidas nos anais do 7º Congresso, realizado no princípio de outubro na UNIMEP, onde ela pondera que,

*a formação do cientista nunca está concluída, ele está sempre em processo de complementação. O orientador também se reformula, aprende e se desenvolve no processo de orientação. Assumir a orientação de iniciação científica pode se constituir em uma forma de atualizar e complementar a formação do pesquisador - orientador. Orientar é uma forma de aprendizagem que pode ser muito rica e recompensadora para o cientista. Mas ele precisa de outras formas para atualizar-se e complementar sua formação. Entre estas formas estão o acesso à informação, a participação de eventos científicos, cursos de curta duração, pós-doutorado, etc. Cabe criar e estimular condições que facilitem estas atividades nas instituições. Alguns tópicos merecem ser retomados como sínteses. A iniciação científica é necessária à formação do cidadão; ela é direito de todo estudante; deve iniciar-se na educação infantil; solidificar-se na universidade; deve ter acesso garantido a todos os universitários, independentemente do sistema de bolsas. Deve ser entendida também como uma fase no processo de formação do pesquisador, o qual tem seu ponto crítico no doutorado mas que se prolonga por toda a vida do pesquisador; tem o seu êxito dependente de variáveis do aluno, do orientador, do contexto da vida universitária; requer um grande esforço conjunto de agências, universidades e das muitas pessoas envolvidas para que a formação do pesquisador se concretize e implica em avaliações sistemáticas variadas e em diversos níveis, feitas para garantir a qualidade na formação de recursos humanos.”* (pp. 27-31)

Outro parâmetro importante a ser contextualizado é a construção do FUNDAC, pela Universidade Metodista de São Paulo, que igualmente estabelece critérios para a apresentação de projetos de iniciação científica com recursos próprios. Embora ainda não possua bolsas do PIBIC, a UMESP, ao realizar já três seminários de iniciação científica entre seus professores e estudantes, caminha de forma concreta para inserir-se no panorama institucional de compromissos com a modernidade das ações no campo da iniciação científica.

Que outras instituições de ensino persigam esta trilha, que as conduza à ampliação dos compromissos com a iniciação científica institucional.

### As Respostas Da Sociedade

Estas observações, fazem parte das percepções que tenho tido ao participar com intensidade das atividades de iniciação científica em dois âmbitos: primeiro, como professor pesquisador e coordenador de projetos de iniciação científica financiados com bolsas do CNPq/ PIBIC, PET e do Fundo de apoio à Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo e de Piracicaba, da Cátedra UNESCO. Em segundo lugar, como articulador de ações de iniciação científica no âmbito da comunicação promovidas pela INTERCOM nos últimos anos.

A iniciação científica em comunicação passou a ter um papel institucional mais relevante nos anos 90, por conta das seguintes iniciativas:

1. De parte das universidades públicas e privadas, a receptividade destes programas foi imediata, construindo-se espaços de deliberação, fomento e difusão através de comitês específicos, realização de seminários, apresentação de relatórios e congressos particulares;
2. De parte da INTERCOM, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, desde 1992 tem sido realizadas estas jornadas. Elas surgiram da necessidade de oferecer aos estudantes de graduação, um espaço próprio em que eles pudessem apresentar relatos de atividades desenvolvidas em suas instituições. Desde então, foram realizadas jornadas em São Bernardo do Campo (1992), Vitória (1993), Piracicaba (1994), Aracaju (1995), Londrina (1996), Santos (1997), Recife (1998) e Rio de Janeiro (1999), abrindo espaços para a difusão de pesquisas nos diversos cursos de comunicação existentes no Brasil, e mais recentemente, desde 1988, fazendo publicar edições especiais da sua Revista Brasileira de Ciências da Comunicação em que publica os trabalhos vencedores nas diversas categorias.
3. De parte da sociedade civil, o apoio formal, através de prêmios, tem incentivado sobremaneira a melhoria da qualidade das práticas de iniciação científica. O Grupo Pão de Açúcar, desde 1995, no Congresso a INTERCOM realizado em Aracaju/SE, tem apoiado de forma decisiva a realização destas práticas. De um lado, oferecendo toda infra-estrutura necessária para a

divulgação do evento, como confecção de cartazes, folhetos e diplomas; bem como os prêmios em dinheiro para os estudantes que escrevem e apresentam os melhores trabalhos e aos seus respectivos professores orientadores.

Foi possível verificar nestes anos todos em que a INTERCOM passou a dialogar mais intensamente com as universidades brasileiras, através da sua iniciativa de difundir a iniciação científica, que o processo tem sido aprimorado paulatinamente. Entre os recados importantes da INTERCOM às escolas, o mais importante foi no sentido de que elas deveriam formar comitês internos para avaliarem os trabalhos antes de remetê-los à apreciação pública nos seus congressos nacionais. Isso, de alguma forma, obrigou as instituições participantes a redobram o espírito crítico em relação aos trabalhos enviados. E, conseqüentemente, aperfeiçoou a qualidade dos mesmos.

Outro fator que tem sido alentador neste diálogo INTERCOM/ Grupo Pão de Açúcar, tem sido o apoio dos patrocinadores para que os trabalhos vencedores do prêmio sejam publicados em separatas especiais da Revista Brasileira de Comunicação. Duas edições já estão circulando, provenientes dos congressos de Santos e Recife e uma terceira, sobre o recém-concluído congresso do Rio de Janeiro, já está em fase de edição e deve circular no mês de dezembro de 1999.

Os trabalhos vencedores vão se tomando, pouco a pouco, referências para que as novas gerações de pesquisadores consigam ter parâmetros sobre como se faz a pesquisa em comunicação no Brasil, deste final de século XX.

Nesse sentido, com os objetivos de aperfeiçoar institucionalmente as ações desenvolvidas no âmbito da iniciação científica em comunicação; de avaliar as práticas e procedimentos que vimos adotando; de recolher subsídios e sugestões para as próximas jornadas é que estou me dirigindo aos sócios da INTERCOM, que trabalham com iniciação científica, aos estudantes que participaram da última jornada, às agências de fomento, ao nosso patrocinador e à comunidade científica no âmbito da Comunicação Social que esteja interessada em participar para, com o apoio da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP criar um Fórum Virtual sobre a Iniciação Científica em Comunicação, pois creio que algumas perguntas iniciais poderiam ir ajudando a construir uma referência para as intenções pretendidas. Na consulta que irei organizar estão algumas questões importantes para um diagnóstico e uma crítica entre as questões endereçadas a todos estão as seguintes:

1. A sua instituição adota práticas de iniciação científica em comunicação? quais? Com que recursos? Com que regularidade?
2. A sua instituição ou você pessoalmente já participou da Jornada de Iniciação Científica da INTERCOM? Se a resposta for sim, quais suas considerações sobre ela. Se não, justifique por que não participar.
3. Você tem conhecimento sobre a continuidade dos estudos acadêmicos de alunos que foram vencedores ou não do INICIACOM?

4. O que você acha das atuais categorias existentes no INICIACOM: jornalismo, publicidade, relações públicas, cinema, televisão, vídeo, rádio, produção cultural e editorial, tema do congresso, estudos interdisciplinares? Você suprimiria alguma? Acrescentaria alguma?

De posse dos resultados destas manifestações, que serão colocadas ao debate virtual, em rede e socializadas para os quatro cantos do Brasil, esperamos recolher subsídios para aperfeiçoar as contribuições que a INTERCOM vem oferecendo no sentido de reforçar o caráter e a importância da iniciação científica entre nós.

Espero poder ver, em breve, as contribuições dos estudantes de Comunicação de Maringá entre os futuros

competidores (e quem sabe, entre os futuros vencedores) deste importante certame intelectual.

#### Referências

- ANUÁRIO INTERCOM de Iniciação Científica em Comunicação Social, 1997 e 1998. J.B. Pinho (org.) *Intercom*, São Paulo, 1997/1998.
- BOLETIM INFORMATIVO do PIBIC, ano III, número de 10 de dezembro de 1998.
- WITTER, Geraldina Porto. *O papel da iniciação científica na formação do pesquisador*. In: Anais do 7º Congresso de Iniciação Científica. UNIMEP. Piracicaba, 1999. (pp.27-31)